

Treze crônicas

SER PROFESSORA: Amor e angústia

Aline Costa

Desde criança minha brincadeira favorita sempre foi ser professora, ou cozinheira, ou jornalista. Sempre gostei de brincar de imitar profissionais cujas profissões eu admirava muito. Com o passar dos anos, porém, a única profissão que eu continuei exercendo efetivamente nos momentos de brincadeira, era ser professora. A chegada do meu irmão mais novo me propiciou a possibilidade de “ministrar” aulas dos temas mais simples aos mais excêntricos. Todos os meus vizinhos, primos e amigos foram meus alunos na pequena escola que eu montava diariamente em meu quintal.

Os anos foram passando, a adolescência chegou; a pressão para a escolha de uma profissão; a ansiedade e o sentimento de incompreensão cada vez maiores. A única coisa que eu sempre amei foi ser professora. A única profissão na qual eu consigo me ver. O único sonho que eu sempre tive, porém, teve que passar a dividir espaço com as inseguranças em mim colocadas por todos a minha volta: “ah, mas professor ganha tão pouco”; “você é tão impaciente para ser professora”; “não sei se você tem o talento para ser professora”; “cuidado, vai estudar tanto para só dar aula”.

Iniciar uma graduação em licenciatura foi uma das decisões mais importantes e difíceis que eu já tive que tomar. Confiar no meu sonho, no meu coração, na minha intuição para decidir um caminho tão importante na minha vida, quando todos ao meu redor contestavam. Decisão tomada, curso iniciado, curso quase finalizado, quando mais um impasse: cortes na educação, desemprego, pandemia, ensino remoto, e mais uma série de coisas que a cada dia desestabilizam pessoas como eu, que sempre sonharam em exercer essa profissão, e que na realidade nem se reconhecem sem ela.

O objetivo maior desta crônica é compartilhar o meu sentimento de inquietude quanto a ser professora. Mesmo sendo professora há pouco tempo, não sei se eu consigo, nem muito menos se gostaria, de não ser definida como tal. Porém, todos os dias o sentimento de paixão por ser professora, felicidade em ensinar e os sonhos têm que dividir espaço com os medos relacionados ao mercado de trabalho; a falta de reconhecimento; as dificuldades financeiras que acompanham a profissão.

Estou me descobrindo cada dia mais como professora. Por mais que eu tente fugir, tente achar outros caminhos ou profissões eu sempre me sinto reencontrando meu caminho até a sala de aula. É um amor forte como um imã, mas que não consegue eliminar a concomitante insegura-

rança e o sentimento de ansiedade. Então, escrevo em buscar de outros professores, ou alunos que estão no processo de se tornarem professores para que compartilhem nossas angústias e nossas felicidades.

Me sinto feliz. Sinto paixão. Sinto a sala de aula como o MEU lugar, conceito forte para uma professora de geografia, rs. Mas em meio a todas estas sensações, não consigo apagar o medo e a insegurança.

O Livro

Aline Costa

Ser um livro é complicado. As pessoas se apaixonam, ficam ansiosas por cada página de leitura, mas quando terminam, o esquecem no fundo de uma estante qualquer.

Porém, eu não sou qualquer livro. Eu sou um livro de uma saga adolescente famosa. Eu sou desejado por todos os adolescentes, afinal, as minhas páginas repletas de magia, bruxaria e fantásticos acontecimentos atemporais são muito mais legais do que qualquer aula que meus leitores podem estar tendo na escola; sou muito mais legal do que qualquer atividade doméstica obrigatória; sou muito mais legal do que brincar com os colegas.

Eu virei a maior febre entre o sétimo ano. Todos os alunos mal conseguem esperar para chegar a sua vez de me ler. Essa semana, porém, estou cansado. Não tive um minuto de descanso, fui lido durante o café da manhã, durante o percurso até a escola, durante as aulas que meus leitores estavam assistindo e durante todas as suas outras atividades do dia. Foi ótimo me sentir o centro das atenções, eu era tudo que meus leitores conseguiam pensar.

Enquanto meus leitores passavam os olhos por minhas páginas debaixo da carteira, para que a professora não visse, me senti especial.

Enquanto meus leitores ignoravam as falas da professora em sala de aula apenas para ler as histórias presentes em mim, me senti especial.

Enquanto meus leitores desprezaram a aula de geografia, me senti especial.

Quando não tinha mais páginas para ler e meus leitores me guardaram na estante, me senti devastado, igual a professora.

Vocês estão me ouvindo?

Daniela Moreira Bastos

Brasil. 2021. Estou cansado. Todos os dias tenho que aguentar, ininterruptamente, reuniões intermináveis que não me dão descanso. Além disso, preciso ficar escutando ladainhas: “liguem a câmera, por favor”, “não estamos te ouvindo, seu áudio está mutado”.

Não aguento mais. Lembro do início, quando ela me comprou. Ainda jovem, eu viajava todos os dias, trajado de uma roupa super confortável que ela me deu para que eu me protegesse.

Lembro dos caminhos, da rodovia Dom Pedro e do trânsito horrível que nos atrasava na rodovia Anhanguera. Fora isso, eu a acompanhava nas bibliotecas - conhecemos todas as bibliotecas da Unicamp, a minha favorita era a do IB, com aquele ar condicionado bem gelado que me ajudava a não aquecer nos fins do semestre.

Foram anos de passeio até o começo da pandemia, onde tive que passar a ser seu maior meio de interação (junto com a internet, mas ela normalmente deixa muito a desejar hihi). Inclusive, normalmente eu levo muita culpa por ser lento, por travar, mas na verdade a culpa é dela, que é lenta e trava bastante. Queria ver ela ter que aguentar tudo sem nenhum descanso, porque minha dona passa dias sem nem me desligar e me tirar do carregador.

Outro ponto importante é que sempre ouço nesses encontros online que ela participa é que sou essencial nesse momento, principalmente para as atividades educacionais. Eu consigo promover encontros na internet, tentando, de certa forma, reduzir as distâncias entre meus telespectadores. Essa interação é essencial para que as atuações educacionais pudessem continuar. Além de estudante, minha dona também trabalha com educação. Durante esses dois anos do que ela chama de “apocalipse”, pude ouvir que as vivências tidas nesse período foram facilitadas pelas tecnologias digitais, bem como elas foram facilitadoras para os raciocínios educacionais, através de aplicativos, sites ou vídeos disponibilizados pela internet. Mas, também soube que por eu e os meus não sermos tão acessíveis assim, isso não ocorria nas outras regiões do país.

Preciso falar também que apesar de eu ser maravilhoso, não consigo promover as interações sociais e afetivas que tínhamos fisicamente na universidade. Quando tudo isso passar - algo que também escuto frequentemente e espero que chegue logo - espero ser somente auxílio, não o principal meio de promover os conteúdos educacionais, para que a educação seja acessível, democrática e de qualidade a todos. Quem sabe assim eu possa voltar às minhas viagens pelas rodovias e as minhas caminhadas pelas ruas da universidade.